

Os conflitos na região da Caxemira

Rafael Queiroz Alves

João Victor Ponté

Julia Mori Aparecido¹

INTRODUÇÃO

O conflito na Caxemira gira em torno principalmente da disputa entre Índia e Paquistão pelo território fronteiriço. Outros grupos militantes também estão inseridos no confronto, colaborando para a deterioração da segurança regional. Foram contabilizadas 70 mil mortes pelo conflito, sendo 45 mil devido a ataques chamados terroristas nos últimos 30 anos. A disputa se iniciou oficialmente em 1947, a partir de uma guerra entre os principais envolvidos e perdura até hoje. As razões derivam de um problemático processo de descolonização

após o domínio britânico.²

O conflito pode ser verificado por interesses territoriais, passando por recursos hídricos a noções de fronteira alinhadas à geopolítica. A Índia, sob uma perspectiva secular, defende a relativa autonomia territorial conferida pelo marajá Hari Singh, que controlava a região durante a colonização britânica. Entretanto, apesar da Caxemira ser de maioria muçulmana e ter relativa autonomia, é reivindicada como parte da Índia secular. O Paquistão invalida a legitimidade da autoridade do marajá e rejeita as exigências indianas.

As representações cartográficas da Caxemira são manipuladas a partir das concepções políticas daqueles que participam ativamente da disputa, a designando conforme seus interesses, ainda que uma resolução da ONU de 1947 tenha estabelecido que a população local deveria decidir o estatuto territorial através de um plebiscito. Tal plebiscito, porém, nunca aconteceu, na prática a Caxemira foi incorporada pela Índia e, a partir disso, conflitos se iniciaram com o Paquistão. Em seguida, os critérios “Linha de Controle” e “Linha de Controle Real”, que dividem a região entre Caxemira paquistanesa e indiana, são reconhecidos pelos países não participantes da disputa.³

Soma-se a isso a disputa pela água visto que ambos os países detêm uma população altamente desigualmente socioeconomicamente e tal recurso é essencial frente às questões de saúde pública. A cadeia do Himalaia, por onde correm rios de potência energética atraente, é também palco de disputa entre os Estados. Em 1960 foi assinado o Tratado da Água do Rio Indus motivado pelo Paquistão, que temia que durante uma guerra, a Índia, por abrigar usinas hidrelétricas, represasse o rio e desviasse seu curso. Em 2010, foi assinado um acordo que legitimava a decisão da comissão arbitral internacional sobre a legalidade da construção da Usina Hidrelétrica de Bagilhar, embora o Paquistão a tenha questionado por temer que esta afetaria seu abastecimento nacional.⁴



Título: Mapa da região de Jammu-Caxemira

Fonte: [Wikimedia Commons](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kashmir_map.svg) - <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Kashmir_map.svg>

é a questão nuclear. Em 1968, um regime anti-nuclear arquitetado pelos Estados Unidos ganhou fundamentação legal a partir da negociação do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP). Com 189 países signatários, foram reconhecidos como detentores exclusivos de armas nucleares apenas os cinco integrantes do Conselho de Segurança da ONU. Todavia, Índia e Paquistão não aderiram ao tratado devido a interesses de segurança nacional. Os signatários impuseram sanções contra a Índia e o Paquistão e os pressionaram por meio de restrições a empréstimos concedidos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e Banco Mundial, criação de barreiras ao acesso à tecnologia nuclear e controle rígido sobre relações comerciais com ambos. No entanto, Índia e Paquistão adquiriram capacidade nuclear bélica. Em 2008, indo contra as sanções de restrição ao acesso à tecnologia nuclear, os EUA realizaram um acordo que permitiu o comércio de energia nuclear para fins pacíficos com a Índia, visando inserir o país em sua estratégia de contenção da ascensão da China. Nesse contexto, o Paquistão se aproximou da China para reagir ao afastamento diplomático dos Estados Unidos⁵.

Uma análise quantitativa das capacidades nucleares das potências emergentes envolvidas na disputa estimou estoques de ogivas nucleares sob posse da Índia e do Paquistão variando em torno de 300 armas. A *Federation of American Scientists* publicou, em 2019, um gráfico indicando que o Paquistão possui aproximadamente 150 armas em estoque, enquanto a Índia teria até 140. Os dois países estão entre os nove detentores oficiais de armas nucleares.⁶

O CHOQUE DE NARRATIVAS

O Ministério das Relações Exteriores da Índia, representando a posição do governo, declara que o estado de Jamu e Caxemira é uma parte integral e inalienável da Índia. Desde a formação do Estado nacional indiano, pós-independência, foi declarada a adesão oficial à Índia por parte do Marajá Hari Singh, em 1947. Os indianos, então, adotam uma postura legalista diante da discussão sobre o pertencimento do território.⁷

A adesão da região à Índia estaria em conformidade com a Lei do Governo da Índia (aprovada em 1935 pelo Parlamento do Reino Unido) e com a Lei de Independência da Índia (aprovada em 1947 também pelo Parlamento), que estabeleceram quais seriam os domínios da Índia e do Paquistão. Desse modo, haveria um respaldo irrevogável nos termos do direito internacional para a definição dos territórios. O Instrumento de Adesão executado foi o mesmo de mais de 560 estados principescos que aderiram ao país sem, contudo, serem disputados. Apenas o estado de Jamu e Caxemira foi alvo de ataques e de disputas, apesar da irrevogabilidade que havia sido conferida nos acordos de independência realizados com o Reino Unido.

A Índia, por sua vez, acusa o Paquistão de ter descumprido as condições para a paz solicitadas pela ONU que incluía o cumprimento das resoluções do UNCIP (*United Nations Council for India and Pakistan*) de 1948, que exigiam que todas as forças regulares e irregulares sob o controle de ambos os lados cessassem fogo. O Paquistão, pelo contrário, teria financiado tropas irregulares e, mais tarde, enviado tropas oficiais à localidade, embora o país islâmico negue que os tenha auxiliado. Uma comissão da ONU

que foi à Caxemira em 1948 reiterou a narrativa indiana ao identificar que militares paquistaneses e auxiliares, de fato, estavam atuando na área.⁸

A abordagem paquistanesa baseia-se em negar as reivindicações feitas pela Índia. O Paquistão nega o Instrumento de Adesão, rejeitando a autoridade que legitimaria o domínio historicamente hindu sobre o território, o marajá. O Paquistão afirma que ele não era um líder popular, considerado tirano pela maior parte dos caxemires, condição que seria suficiente para invalidar suas ações ao determinar o estatuto da Caxemira.⁹

Outro pilar que compõe a perspectiva paquistanesa acerca do conflito é o da identidade nacional. O fenômeno da *jihad* inserida no conflito se tornou um meio de propagação de ensinamentos identitários e a incorporação de questões religiosas na política do Estado, e agregou o engajamento na disputa. O jihadismo, apesar de diferentes interpretações, é considerado um grande motivo para que os muçulmanos lutem pela terra que lhes pertence. Etimologicamente, a palavra *jihad* significa ‘batalha’ e, dadas as instruções presentes no Corão, leva a interpretação de que o mal se refere àqueles que não seguem essa religião e, destarte, são ameaças. Os dois principais grupos violentos jihadistas na Caxemira são: *Lashkar-e-Toiba (LeT)* e *Jaish-e-Muhammad (JeM)*, que mantêm uma política anti-indiana e são fruto de coligações do exército jihadista religioso afegão com instituições militares paquistanesas.¹⁰

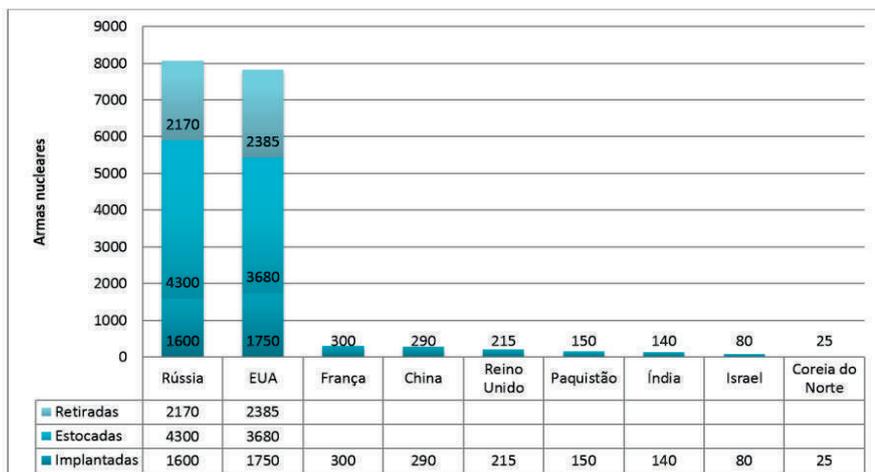
A causa jihadista diz respeito tanto às causas religiosas como às causas políticas, facilitando coligações envolvendo ambos os domínios. O conflito da Caxemira, então, se baseia em um confronto entre religiões, um choque de civilizações, e o jihadismo seria um instrumento dentro da guerra¹¹.

O problema central das relações hindu-paquistanesas cabe à ideologia separatista da Teoria das Duas Nações, que proporciona identidades nacionais distintas a hindus e muçulmanos. Segundo Sahni, “o conflito da Índia com o Paquistão tem as suas raízes na ideologia e na identidade mais do que na assimetria de poder”.¹²

PRECEDENTES DA DISPUTA

A gênese do conflito na Caxemira se dá com a formação dos Estados-nação indiano e paquistanês. A região é definida por seu plu-

Gráfico 1: Armas nucleares implantadas, estocadas e retiradas por país



Fonte: <https://fas.org/issues/nuclear-weapons/status-world-nuclear-forces/>

ralismo linguístico, étnico e religioso, o que a leva a dificuldades para estabelecer políticas públicas capazes de conciliar choques derivados de tais divergências culturais. O Império Mogol (1526-1857), contudo, sob o reinado de Akbar, conseguiu unir essa população plural através do desenvolvimento de um sincretismo religioso que unia valores hindus e islâmicos ao mesmo tempo, melhor organizando a sociedade, por ora. Posteriormente, com a assunção do poder por Aurangzebe, um muçulmano sunita neto de Akbar, os hindus passaram a ser marginalizados, o Império foi substituído por outro denominado Marata (1674-1818), que também compreendia os territórios da Índia e do Paquistão e que o Reino Unido passou a controlar.

A partir do domínio britânico, foi desenvolvida a Teoria das Duas Nações. Segundo a formulação, a religião seria o princípio determinante das identidades nacionais de hindus e muçulmanos, que seriam completamente distintas.¹³ Nesse sentido, de um lado havia o Congresso Hindu e de outro a Liga Muçulmana. Ambas as entidades serviam como representações das nações opostas. Os britânicos, nesse contexto, promoviam propositalmente a divisão dos grupos para poder reinar. Nesse momento, intelectuais hindus defendiam a formação de um 'Hindustão', rejeitando os islâmicos, enquanto os muçulmanos julgavam os hindus como incapazes de formar um Estado devido ao sistema de castas e desenvolveram um projeto de nação anti-hindu. Assim, a região se polarizou de forma definitiva. O Paquistão alega que, por haver uma maioria muçulmana na região da Caxemira, esse território se identificaria etnicamente com os valores do povo paquistanês e deveria pertencer ao Paquistão.¹⁴

A GUERRA INDO-PAQUISTANESA DE 1947 (I GUERRA DA CAXEMIRA)

Três elementos de suma importância contribuíram para a divisão do antigo Raj britânico. Primeiramente, a questão da subestimação por Mohamed Ali Jinnah¹⁵ da capacidade dos muçulmanos para estruturar um movimento baseado na fé.¹⁶ Em segundo lugar, a concretização do objetivo pessoal de Jinnah que consistia na criação de um Estado independente. E por último, as consequências da política britânica de "dividir e governar", a qual foi determinante para a cisão entre hindus e muçulmanos.

Em 1930, surgia então, a ideia da criação

do que viria a ser mais tarde a federação composta de dez estados muçulmanos chamada de Paquistão – uma terminologia que somente passou a ser usada no ano de 1945 – a qual foi arquitetada essencialmente por Choundhary Rahmat Ali¹⁷. Neste contexto, Jinnah sistematizou em um movimento de cunho político a questão da existência de duas nações, pela qual ambas as etnias (hindus e muçulmanos) deveriam ter direito a Estados próprios.

É importante salientar que o processo de independência da Índia e do Paquistão se concretizou de maneira pacífica, porém isso não se estendeu em relação à partilha do subcontinente, a qual foi marcada por uma violência exacerbada e gerou um dos maiores fluxos migratórios da história. Tais fatores fizeram crescer de forma significativa o sentimento de revanchismo entre os dois Estados.

O embrião das hostilidades veio em forma de um conflito sistematizado na região da Caxemira entre os anos de 1947 e 1948, protagonizados pela Índia e pelo Paquistão logo após a aquisição de suas independências. A Caxemira era governada por um líder de origem hindu, Hari Singh, que aceitou a junção do território à União Indiana, apesar de ter sido encurralado pelos paquistaneses que buscavam a anexação do principado devido à numerosa população muçulmana ali estabelecida. Ao final da guerra, o Paquistão se apropriou de aproximadamente um terço do território, enquanto os restantes dois terços caíram nas mãos indianas. Todavia, ambos os lados

continuaram a reivindicar o controle total do principado. O Paquistão procurava um reajuste territorial, já a Índia buscava manter a parte do território que havia adquirido. Nesse sentido, a Índia levou a disputa ao Conselho de Segurança da ONU que aprovou, em 1948, uma resolução pedindo um referendo para decidir o *status* da região. Mas o Conselho de Segurança condicionou o referendo à retirada das tropas paquistanesas e à redução da presença militar indiana no território. A guerra terminou com um cessar-fogo mediado pela ONU, mas o Paquistão se recusou a retirar suas tropas.¹⁸

Para ambos os lados a Caxemira também abriga ideais que vão além da conquista territorial. Para a parte paquistanesa, a região representa os alicerces de sua pátria e, sem ela, seria impossível conquistar uma identidade nacional íntegra. Já para o lado indiano, a incorporação deste território constituiria, principalmente, a base para a reflexão do ideal da democracia multiétnica. Desta forma, Paquistão e Índia se opõem a movimentos de autodeterminação da Caxemira, pois isso pode suscitar processos de independência em outras áreas, sendo nocivo para os interesses geopolíticos dos envolvidos¹⁹.

GUERRA SINO-INDIANA

Ao oeste da Caxemira, encontra-se Aksai Chin, área correspondente a um quinto da província de Jamu e Caxemira. Os ingleses reivindicavam sua posse, mas nunca a admi-



Título: Matéria de 1947 sobre a Caxemira

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/kashmirglobal/5166824132/in/album-7215675239483485/>

nistraram. Quando a Índia proclamou sua independência, ela incorporou as reivindicações territoriais britânicas. Isso incluía Aksai Chin e a linha demarcada por Henry McMahon em 1914, que foi assinada pelos representantes do Tibete e do Reino Unido, compreendendo a região tibetana da China e o nordeste da Índia. Hoje é a fronteira efetiva entre China e Índia.²⁰

Em 1959, após o asilo do Dalai-Lama na Índia, a China propôs usar a Linha McMahon como base de negociações em troca do reconhecimento das reivindicações chinesas sobre Aksai Chin. O Primeiro Ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, rejeitou a proposta, pois tinha interesse pelo Tibete devido à proximidade histórica e cultural que o povo da região tem com a Índia. Em 1961, a Índia deslocou seus postos militares adiante e os militares indianos foram ordenados a atirar contra as tropas chinesas presentes no caminho e a dominar seus postos estabelecidos na fronteira.

Em 1962, China e Índia foram à guerra. O ataque chinês chegou nas proximidades da tradicional linha demarcatória imperial. Nesse ponto, o Exército de Libertação Popular parou e recuou ao lugar onde começara devido à dificuldade de manter as linhas de suprimento. Como resultado, foi criada uma área sem presença militar. O território permanece em disputa até hoje, mas nenhum lado procurou impor suas reivindicações além das linhas de controle existentes. A China não conquistou território algum na Guerra Sino-Indiana de 1962, apenas preservou sua fronteira e manteve a ocupação em Aksai Chin, que é reivindicada pela Índia²¹.

GUERRAS DE 1965 E 1971

Em 1965, apesar das variadas tentativas de encontrar soluções concretas para a disputa sobre a Caxemira, ocorreu uma segunda guerra que terminou com mais um cessar-fogo imposto pela ONU, colocando os lados envolvidos de volta às suas posições anteriores.

Em 1971, ocorreu um novo conflito que, apesar de não ter ligações diretas com a Caxemira, envolveu as relações indo-paquistanesas. A guerra resultou na libertação do Paquistão Oriental, surgindo o atual Bangladesh. A Índia viu este fato com enorme satisfação, pois desde muito ansiava pela desintegração e, posteriormente, por uma eventual extinção do Paquistão.²²

A supremacia indiana se tornou evidente após Bangladesh conquistar sua independência e o Paquistão perder uma porção significativa de seu território – o equivalente a cinco mil quilômetros quadrados – cerca de 54% da sua população e a consecução de um acordo político em relação à questão da Caxemira. Deste modo, a política externa do Paquistão se transformou, seguindo-se um período ausente de crises indo-paquistanesas de relevo até o final da década de 1990.²³

ASCENSÃO DA REVOLTA EM JAMU E CAXEMIRA DESDE 1989

A consciência separatista motivada por questões étnicas e nacionalistas permaneceu forte entre os muçulmanos da Caxemira. Em 1980, uma frustração generalizada entre esses muçulmanos contra alguns de seus próprios líderes e contra as políticas impostas pela Índia levou a uma insurgên-

cia pró-independência na região. Tal insurgência se acirrou na década seguinte com o lado indiano acusando o Paquistão do apoio bélico aos insurgentes, e com o lado paquistanês rejeitando a acusação.

Deste modo, o levante foi dividido em duas facções: uma delas defendendo a criação de um Estado independente da Caxemira – o que só seria possível por meio da separação da Caxemira da Índia e da área ocupada pelo Paquistão – e a segunda defendendo a ideia de que a Caxemira deveria se tornar uma parte do Paquistão, ou, caso não fosse possível, pelo menos se tornar um Estado islâmico independente com relações estreitas com aquele país.²⁴

O Conflito de Kargil, ocorrido no ano de 1999, teve como seu estopim a intrusão das tropas paquistanesas em Kargil (uma cidade na Caxemira indiana). O objetivo do Paquistão consistiu em levar a Índia à mesa de negociações para discutir a questão e atrair atores internacionais para estas negociações, propiciando maior visibilidade ao tema. A crise teve seu fim em julho do mesmo ano. A Índia recuperou uma parte significativa do território ocupado pelas forças paquistanesas, o que, contudo, foi prejudicial em muitos aspectos.

Apesar de ter havido uma resposta militar por parte de Nova Delhi, esta restringiu-se a uma guerra limitada devido à posse de armas nucleares por parte do Paquistão. Além disso, o poderio nuclear indiano não impediu o apoio do Paquistão a movimentos secessionistas e grupos paramilitares em território indiano.²⁵

Em 2003, Índia e Paquistão chegaram a um consenso após anos de conflito na Linha de Controle. O Paquistão prometeu parar de financiar rebeldes islâmicos, enquanto a Índia ofereceu anistia a todos que renunciassem à militância extremista. Em 2014, o governo indiano de Narendra Modi prometeu adotar uma linha dura contra o Paquistão, mas também demonstrou interesse em manter as negociações de paz. Nawaz Sharif, o então Primeiro Ministro do Paquistão, chegou a participar da cerimônia de posse de Modi em Nova Déli. Em 2015, após a Índia culpar grupos paquistaneses por um ataque à base aérea em Pathankot, no norte do Estado de Punjab, o Primeiro Ministro indiano cancelou sua participação na cúpula regional ocorrida na capital paquistanesa em 2017 e as relações regrediram.²⁶



Título: Protestos na Caxemira em 2010

Fonte: [Cashmir Global](https://www.flickr.com/photos/kashmirglobal/5166230667/in/album-72157625239483485/) - <https://www.flickr.com/photos/kashmirglobal/5166230667/in/album-72157625239483485/>



Título: Protestos na Caxemira em 2010

Fonte: [Cashmir Global](https://www.flickr.com/photos/kashmirglobal/5166826278/in/album-72157625239483485/) - <https://www.flickr.com/photos/kashmirglobal/5166826278/in/album-72157625239483485/>

OS CONFLITOS NA REGIÃO DE JAMU E CAXEMIRA EM 2019

Em 14 de fevereiro de 2019, um ataque suicida contra um comboio indiano da Força Policial da Reserva Central (CRPF) deixou 40 mortos e foi reivindicado pelo grupo paquistanês Jaish-e-Mohammed (JeM). Posteriormente, autoridades indianas prenderam dezenas de separatistas muçulmanos em incursões na Caxemira e enviaram milhares de reforços para o território.²⁷ Por outro lado, expressando preocupação com os projetos indianos, o Paquistão acusou a Índia de elaborar um esquema para reduzir a população muçulmana na Caxemira.²⁸

Em março, a Índia foi levada a dialogar com o Paquistão e com separatistas na Caxemira para aliviar a tensão levantada pelo ataque terrorista. As autoridades indianas descartaram as negociações com o Paquistão, a menos que atuem em relação a grupos militantes instalados em Jamu e Caxemira. Nesse sentido, o Primeiro Ministro do Paquistão, Imran Khan, disse que nenhum grupo militante poderá operar em seu país para realizar ataques no exterior, dias depois de seu governo anunciar uma repressão contra organizações militantes islâmicas.²⁹ Autoridades indianas prenderam dois líderes separatistas na região, mantendo-os sob uma lei considerada “polêmica” que permite que suspeitos sejam mantidos presos por até dois anos sem acusação formal.³⁰

Em maio, um militante do grupo Estado Islâmico de Jamu e Caxemira (ISJK), inspirado no Estado Islâmico, foi morto. O governo central e as agências de segurança têm

afirmado que não há conexão entre a ISJK e o Estado Islâmico que opera no Iraque e na Síria, embora as ligações ideológicas baseadas na *jihad* sejam evidentes.³¹ Mais tarde, no mesmo mês, cinco pessoas, incluindo três rebeldes, um civil e um funcionário do exército indiano, foram mortas em um tiroteio na vila de Pulwama, Dalipora, na parte sul da Caxemira administrada pela Índia.³²

Em junho, oito militares do Exército e dois civis ficaram feridos após terroristas detonarem uma bomba em um veículo no distrito de Pulwama, no sul da Caxemira, no mesmo distrito onde um homem-bomba suicida atacou um comboio indiano em fevereiro.³³ Posteriormente, autoridades da Caxemira administrada pela Índia impediram que um proeminente grupo de direitos humanos realizasse um evento para divulgar um relatório documentando violações de direitos sob a já citada lei que permite detenções administrativas prorrogáveis para até dois anos. Durante anos, grupos de direitos humanos, incluindo a Anistia Internacional, criticaram a Índia por usar a Lei de Segurança Pública para reprimir dissidentes na Caxemira.

Em julho, pelo menos cinco soldados paquistaneses foram mortos depois de uma explosão perto da fronteira *de facto* com a Índia na região da Caxemira e o exército paquistanês acusou a Índia de “terrorismo patrocinado pelo Estado”.³⁴

No dia 5 de agosto, as autoridades nacionalistas hindus apresentaram um decreto presidencial suprimindo o estatuto especial do Estado de Jamu e Caxemira (norte), que

estava garantido pela Constituição indiana. O Primeiro Ministro do Paquistão, Imran Khan, lançou uma ofensiva diplomática, afirmando que lutaria contra a Índia “até o fim” e fazendo referências ao arsenal de armas nucleares. A Índia insistiu repetidamente que a Caxemira é uma questão puramente interna e que não deseja mediação externa, enquanto criticou os protestos do Paquistão por considerá-los “alarmistas”.³⁵ Em seguida, o Ministro das Relações Exteriores do Paquistão, Shah Mehmood Qureshi, exigiu que a ONU tomasse nota da deterioração da situação dos direitos humanos na Caxemira e exercesse seu papel no levantamento do toque de recolher e outras restrições que os caxemires passaram a enfrentar após o fim do estatuto especial do estado.³⁶

Em setembro, milhares de pessoas se reuniram no Paquistão para protestar contra as ações de Nova Déli na Caxemira disputada, sob a liderança do Primeiro Ministro Imran Khan.³⁷ O Ministro dos Transportes Ferroviários do Paquistão, Sheikh Rashid Ahmed, advertiu a Índia de que seu país poderia recorrer a ataques nucleares em áreas específicas com uso de pequenas bombas atômicas caso necessário.³⁸

Desde a remoção do status especial da disputada região da Caxemira, milhares de pessoas foram detidas, algumas alegando torturas pelas forças de segurança indianas. Cinco civis foram mortos na Caxemira indiana.³⁹ A militarização na região aumentou e um blecaute nas comunicações foi imposto pelo governo indiano com os acessos à internet e a telefones bloqueados temporariamente.⁴⁰

Em uma mensagem por ocasião do Dia da Defesa, comemorado em homenagem aos sacrifícios dos soldados paquistaneses na guerra de 1965 contra a Índia, o Primeiro Ministro do país prometeu responder “ao inimigo” de forma mais “completa possível”. O general Qamar Bajwa, chefe do exército paquistanês, disse que as forças armadas do país estariam “dispostas a sacrificar tudo por seus irmãos da Caxemira”.⁴¹

No dia 14 de setembro, forças da Índia e do Paquistão trocaram tiros na fronteira da região da Caxemira administrada pelo Paquistão, deixando um soldado morto e seis feridos. Os disparos atingiram aldeias na região de Nakyal. Ataques realizados por indianos em outras áreas também destruíram uma casa, danificaram uma escola e atingiram um galpão de animais.⁴²



Título: Protestos na Caxemira em 2010

Fonte: [Kashmir Global](https://www.flickr.com/photos/kashmirglobal/5166832526/in/album-72157625239483485/) - <<https://www.flickr.com/photos/kashmirglobal/5166832526/in/album-72157625239483485/>>

O Primeiro Ministro do Paquistão alertou os cidadãos contra a entrada na luta da Caxemira, dizendo que as autoridades indianas estavam esperando “qualquer desculpa” para reprimir os moradores do território do Himalaia, afirmando que cerca de 10 mil pessoas teriam sido detidas pelas forças de segurança indianas. Esses números foram rejeitados pelo governo indiano.⁴³

Em 22 de setembro, o presidente estadunidense, Donald Trump, anunciou que, pela primeira vez, a Índia e os Estados Unidos realizariam exercícios militares em conjunto e que acordos de defesa seriam assinados pelos dois países.⁴⁴

A tensão entre Paquistão e Índia foi discutida na 74ª Assembleia Geral da ONU, sem

grandes expectativas de progresso. O Primeiro Ministro do Paquistão afirmou que a situação na Caxemira irá piorar e alertou sobre o risco de uma guerra com a Índia, o que colocaria frente a frente duas potências nucleares. Tanto Khan como Modi conversaram com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que se ofereceu para mediar o conflito.⁴⁵ No final de setembro, autoridades da Caxemira indiana reforçaram restrições a movimentos populares para evitar possíveis protestos.⁴⁶

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS DISPUTAS PELA CAXEMIRA

A rivalidade entre Índia e Paquistão indica hipóteses de um futuro marcado por mais

conflitos de intensidade cada vez maior. O que preocupa as autoridades internacionais é o fato de ambos os países serem detentores de armas de destruição em massa. A escalada dos confrontos diretos e indiretos pode levar a ataques nucleares que podem ter consequências profundas a curto, médio e longo prazo.

A pequena probabilidade de resolução do conflito se deve à incompatibilidade das posturas entre os envolvidos. A busca pela representação da identidade nacional muçulmana é o ponto focal do governo paquistanês e dos caxemires muçulmanos. Já a Índia não abre mão do direito que lhe foi conferido no processo de independência.

Uma possível solução conciliatória pode ser conquistada com o restabelecimento da autonomia da província pela Índia, seguida da convocação de eleições gerais com a candidatura de muçulmanos.

Por outro lado, alterações nos governos resultam em alterações na Caxemira e na maneira como tratar a questão. Governos mais nacionalistas no Paquistão, por exemplo, podem incentivar o extremismo na Caxemira, bem como aumentar a propensão da anexação da província pela força. O confronto pode, também, tender a ser internacionalizado, com a participação de novos atores regionais e globais com seus devidos interesses, adicionando novas dinâmicas ao conflito.

¹ Discentes do Curso de Relações Internacionais da UNESP – Campus de Marília/SP e membros do Observatório de Conflitos Internacionais (OCI).

² EHL, David. O perigoso conflito envolvendo a Caxemira. *Deutsche Welle*, [S.l.], 7 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-perigoso-conflito-envolvendo-a-caxemira/a-49933901>>. Acesso em: 9 out. 2019.

³ MOREIRA, Diego; GURJÃO, Rafael. Índia e Paquistão: uma questão geopolítica chamada Caxemira. In: *Encontro de Geógrafos da América Latina*, Rio de Janeiro, 2013, p. 5. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiapolitica/12.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2019.

⁴ ONNIG, James. *O Tratado da Água do Rio Indus: um outro olhar sobre a Caxemira*. 2012. Disponível em: <<https://professorjamesonnig.wordpress.com/2012/08/16/o-tratado-da-agua-do-rio-indus-um-outro-olhar-sobre-a-caxemira/>>. Acesso em: 9 out. 2019.

⁵ CARDOSO, Laura Gonçalves Fernanda; MENDES, Paula Santos Hermeto. A rivalidade histórica entre Índia e Paquistão e os seus atuais desdobramentos. *Conjuntura Internacional*, 21 set. 2016. Disponível em: <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2016/12/21/a-rivalidade-historica-entre-india-e-paquista-e-os-seus-atuais-desdobramentos/>>. Acesso em: 9 out. 2019.

⁶ KRISTENSEN, Hans M.; KORDA, Matt. *Status of World Nuclear Forces*. Federation of American Scientists, 9 out. 2019. Disponível em: <<https://fas.org/issues/nuclear-weapons/status-world-nuclear-forces/>>. Acesso em: 9 out. 2019.

⁷ Ministério das Relações Exteriores da Índia. *KASHMIR: The True Story*, p. 1, 19 jan. 2004. Disponível em: <https://mea.gov.in/Uploads/PublicationDocs/19156_Kashmir_The_True_Story_19-01-2004.pdf>. Acesso em: 9 out. 2019.

⁸ *Ibid*, p. 2

⁹ MOREIRA; GURJÃO, op. cit., p. 3.

¹⁰ NEVES, Edson. *Morrer pelo paraíso: o terrorismo internacional na Caxemira, entre a guerra por procuração e o jihadismo instrumental, 1989-2009*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

¹¹ ANUNCIACÃO, Arthur Sá. *O conflito em Caxemira: uma luta identitária e a perpetuação de um risco internacional*. Dissertação de mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/24771/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Arthur_Anuncia%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

¹² SAHNI, Varun. *A Índia emergente: rejeitar a região, alcançar o mundo? 15*. ed. Lisboa: Instituto Português de Relações Internacionais, 2007, p. 24. Disponível em: <http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri15/R115_03VSahni.pdf>. Acesso em: 8 out. 2019.

¹³ STORY OF PAKISTAN. *The Ideology of Pakistan: Two-Nation Theory*. Story of Pakistan, 1 jun. 2003. Disponível em: <https://storyofpakistan.com/the-ideology-of-pakistan-two-nation-theory>. Acesso em: 9 out. 2019.

¹⁴ BERNUCCI, Mariana Neto. O Paquistão: sua formação, sua organização estatal e seu conflito (caso Caxemira). In: *V Encontro DedPesquisas Históricas*, Porto Alegre, 2018.

¹⁵ Mohamed Ali Jinnah foi o fundador do Paquistão, serviu como líder da Liga Muçulmana da Índia desde 1913 até a independência do Paquistão em 14 de agosto de 1947 e, posteriormente, serviu como primeiro governador-geral do Paquistão.

¹⁶ AHMED, Akbar S. Jinnah. *Pakistan and Islamic Identity: The Search for Saladin*, 1. ed. Londres: Routledge, 1997.

¹⁷ Choundhary Rahmat Ali foi um dos primeiros proponentes da criação do Estado do Paquistão, creditado com a criação do nome para uma pátria muçulmana separada no sul da Ásia, e é geralmente conhecido como o criador do Movimento do Paquistão.

- ¹⁸ BUDCHINA, Liliana. *A política externa da Índia e as relações bilaterais com o Paquistão*. Dissertação de mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2018, p. 39. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/46803/1/MRI_EPA_Liliana_Budchina_final.pdf>. Acesso em: 13 out. 2019.
- ¹⁹ *Ibid*, p. 40.
- ²⁰ KISSINGER, Henry. *Sobre a China*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 125.
- ²¹ *Ibid*, p. 128
- ²² BUDCHINA, op. cit., p. 42.
- ²³ *Ibid*, p. 42
- ²⁴ CARDOSO; MENDES, op. cit.
- ²⁵ THE KARGIL (Kashmir) War. *The Solvyns Project*, 7 set. 1999. Disponível em: <<http://www.laits.utexas.edu/solvyns-project/kargil.html>>. Acesso em: 13 out. 2019.
- ²⁶ CONFLITO na Caxemira: por que Índia e Paquistão disputam a região que vive nova escalada de tensão. *BBC News Brasil*, [S.l.], 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47386170>>. Acesso em: 25 set. 2019.
- ²⁷ INDIA detains dozens of Kashmiri separatists. *Muscat Daily*. Oman, p. 6, 24 fev. 2019.
- ²⁸ KASHMIRIS say India framing base less allegations against Pakistan. *The Pak Banker*, Pakistan, 4 fev. 2019.
- ²⁹ MODI's former ally in Kashmir urges India to talk to Pakistan. *The Borneo Post*. Srinagar, 12 mar. 2019.
- ³⁰ INDIA to keep 2 separatist Kashmiri leaders behind bars. *The Star Early Edition*, África do Sul, 8 mar. 2019.
- ³¹ MILITANT from group inspired by ISIS Killed. *Hindustan Times*, Lucknow, p. 10, 11 maio 2019.
- ³² FAREED, Rifat. India officials block Amnesty event in Kashmir. *Al Jazeera*, [S.l.], 12 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2019/06/india-officials-block-amnesty-event-kashmir-190612193804661.html>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ³³ AZHIQ, Peerzada. 10 injured as militants trigger IED blast again in Pulwama. *The Hindu*, [S.l.], 17 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.thehindu.com/news/national/other-states/soldiers-injured-in-an-ied-blast-in-kashmir-pulwama/article28020315.ece>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ³⁴ PAKISTAN Army accuses India of 'state-sponsored terrorism'. *Al Jazeera*, [S.l.], 4 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2019/07/pakistan-army-accuses-india-terrorism-kashmir-190704103513517.html>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ³⁵ ÍNDIA revoga autonomia constitucional da Caxemira. *Revista Exame*, [S.l.], 5 ago. 2019. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/india-propoe-revo-gar-status-especial-dado-a-caxemira/>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ³⁶ PAKISTAN urges UN to act on war footing, protect lives of Kashmiris. *Qatar Tribune*, Doha, p. 8, 25 ago. 2019.
- ³⁷ PAKISTAN PM Khan leads nationwide protests over Kashmir. *Kuwait Times*, Islamabad, p. 6, 4 set. 2019.
- ³⁸ PAQUISTÃO poderia usar bombas atômicas contra alvos na Índia, afirma ministro. *Sputnik News*, 2 set. 2019. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/asia_oceania/2019090214469673-paquistao-poderia-usar-bombas-atomicas-contra-alvos-na-india-afirma-ministro/>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ³⁹ RATCLIFFE, Rebecca. Five civilians killed in Kashmir since crackdown, says army. *The Guardian*, [S.l.], 4 set. 2019. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2019/sep/04/civilians-killed-kashmir-crackdown-army-india>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ⁴⁰ BISHT, Akash. Kashmir lockdown: Stories of torture and arbitrary arrests. *Al Jazeera*, 4 set. 2019. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2019/09/kashmir-lockdown-stories-torture-arbitrary-arrests-190904122016072.html>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ⁴¹ PAQUISTÃO promete 'resposta mais completa possível' à Índia na Caxemira. *Sputnik News*, [S.l.], 7 set. 2019. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/asia_oceania/2019090714491613-paquistao-promete-resposta-mais-completa-possivel-a-india-na-caxemira/>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ⁴² PAQUISTÃO acusa Índia por morte de soldado na Caxemira. *Sputnik News*, [S.l.], 14 set. 2019. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/asia_oceania/2019091414516984-paquistao-acusa-india-por-morte-de-soldado-na-caxemira/>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ⁴³ KHAN warns Pakistanis against joining anti-India fight in Kashmir. *Al Jazeera*, [S.l.], 18 set. 2019. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2019/09/khan-warns-pakistanis-joining-anti-india-fight-kashmir-190918155507989.html>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ⁴⁴ EUA e Índia realizarão exercício militar em conjunto. *Sputnik News*, [S.l.], 22 set. 2019. Disponível em: <https://br.sputniknews.com/asia_oceania/2019092214546914-eua-e-india-realizarao-o-primeiro-exercicio-militar-em-novembro/>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ⁴⁵ ESTOU pronto para ajudar na Caxemira, disse Trump. *TRT Português*, [S.l.], 24 set. 2019. Disponível em: <<https://www.trt.net.tr/portuguese/mundo/2019/09/24/estou-pronto-para-ajudar-na-caxemira-disse-trump-1275722>>. Acesso em: 9 out. 2019.
- ⁴⁶ BUKHARI, Fayaz. Polícia impõe restrições na Caxemira indiana após discurso de premiê paquistanês. *Reuters*, Srinagar, 28 set. 2019. Disponível em: <<https://br.reuters.com/article/worldNews/idBRKBN1WD0KW-OBKWD>>. Acesso em: 9 out. 2019.



Série Conflitos Internacionais é editada pelo Observatório de Conflitos Internacionais da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Marília - SP

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas nesse material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem as visões do OCI ou da UNESP.

Editor: Prof. Dr. Sérgio L. C. Aguiar

Layout: Paula Schwambach Moizes

Diagramação: Gláucio Rogério de Moraes

ISSN: 2359-5809

Comentários para: oci@marilia.unesp.br

Disponível em: www.marilia.unesp.br/#oci

SÉRIE CONFLITOS INTERNACIONAIS MAIS RECENTES:

- Mali: a operação de paz da ONU e a situação de segurança no país V. 5, n. 2
- O conflituoso Cinturão do Sahel V. 5, n. 3
- Ucrânia: conflito como herança da "cortina de ferro" na Rússia contemporânea V. 5, n. 4
- A limpeza étnica em Mianmar e o êxodo do povo Rohingya V. 5, n. 5
- Abuso e exploração sexual nas operações de paz da ONU V. 5, n. 6
- As disputas marítimas no mar do sul da China: antecedentes e ações militares no século XXI V. 6, n. 1
- A agressão militar da Federação Russa na Ucrânia V. 6, n. 2
- Conflitos no continente americano: Haiti, Nicarágua, Venezuela V. 6, n.3
- O Conflito Separatista no Camarões: Anglófonos e Francófonos V. 6, n. 4